

## EDITORIAL

A revista Educação, Artes e Inclusão tem a alegria e satisfação de entregar ao público seu primeiro volume de 2016. Nessa edição recebemos um conjunto de artigos dos quais foram aprovados para este número seis artigos, um relato de experiência e uma entrevista. Inauguramos com esse número a realização quadrimestral da Revista Educação, Artes e Inclusão.

O autor, Marcelo Amaral Coelho, Professor de Artes da Rede Pública e Privada do Rio de Janeiro-RJ, apresenta o artigo *Reproduções em Madonnaro: propondo uma estrada pedagógica de mão dupla entre o museu e a escola*, que analisa a reprodução como possibilidade educativa na escola, como referência para a criação artística e, no contexto do museu, como elemento de comunicação do acervo. Onde questiona: Quais as possibilidades de trocas educacionais entre ambas as instituições? Qual uso faz a escola no trabalho com a reprodução? Qual o papel da reprodução no contexto museal? Relata ainda os resultados de uma experiência de campo desenvolvida com alunos do Ensino Fundamental, anos finais, em Itaguaí (RJ), como possibilidade pedagógica tanto para a educação não-formal quanto para a educação formal. Aponta importantes contribuições para o ensino aprendizagem da arte em diferentes contextos educativos, um convite ao leitor.

De autoria da Professora Mestre Kelma Freitas Felipe, *Acessibilidade no ensino profissional tecnológico: uma descrição das ações de inclusão*, elenca as ações de inclusão desenvolvida pelo Núcleo de Acessibilidade às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFCE) – Campus Limoeiro do Norte-CE, em 2014 e 2015, realizadas em busca da inclusão de pessoas com deficiência (PcD) no espaço educacional formal. As informações sobre acessibilidade possibilitam uma compreensão da política de inclusão, de seus entraves e limites dentro do espaço educacional, permitindo uma maior interação entre os sujeitos, ampliando as discussões sobre a Educação Inclusiva no campus, em busca de novas estratégias de acessibilidade e permanência.

A autora Maria das Graças Leite de Souza, Professora e discente de Pós-graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE) e membro do Grupo de Pesquisa em Arte, Museus e Inclusão (GPAMI/CNPq), da Universidade Federal da Paraíba

(UFPB), com seu orientador Robson Xavier da Costa, apresenta em *Ensino de Artes Visuais para crianças com Deficiências Visuais no Instituto dos Cegos da Paraíba*,

*Adalgisa Cunha*, parte do referencial teórico da pesquisa, iniciada no ano de 2015, junto aos estudantes do Instituto dos Cegos da Paraíba Adalgisa Cunha (ICPAC), onde analisa a viabilidade do ensino de artes visuais para crianças com Deficiências Visuais na Cidade de João Pessoa – PB, a partir da atuação do ICPAC, e busca compreender o papel do ensino de artes visuais e sua efetiva viabilidade para crianças com deficiências visuais a partir dos primeiros contatos com as atividades artísticas. Desafia o professor de artes visuais a adaptar materiais, rever procedimentos e atitudes, focar nas potencialidades dos sujeitos e minimizar as limitações causadas pela falta ou baixa visão. As habilidades básicas (motricidade fina, lateralidade e percepção espacial) e o potencial criativo dos aprendentes, são aguçadas em busca de uma atitude crítica, participativa e envolvente no ensino inclusivo.

*Formação do adolescente no ensino médio integrado: contribuições da psicologia histórico-cultural*, texto da Professora Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo-UFES, Priscila de Souza Chisté, destaca a importância do Ensino Médio Integrado como um modo de contribuir com a formação do adolescente, onde dialoga com autores que analisam a trajetória da Educação Profissional no Brasil, com pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, para conhecer melhor os adolescentes, suas peculiaridades psicológicas e entender a importância do Ensino Médio Integrado como mediador desse processo. Já que é um *locus* propício para a formação integral, se inserida nas bases sustentadas pelas ideias de formação politécnica, integral e omnilateral.

*Uma experiência ético-estética no movimento social dos trabalhadores rurais*, dos autores Felix Rebolledo Palazuelos e Andréia Machado Oliveira, aborda na produção de vídeos com as comunidades, algumas questões teóricas dos conceitos de mídia, memória e movimento social, baseado em uma filosofia processual de Deleuze (micro-política) e Guattari (paradigma ético-estético). Apresenta práticas ético-estéticas para uma mudança de referências e aspirações das mídias de massa dominantes em relação às experiências cotidianas das pessoas socialmente colocadas à margem, numa abordagem transdisciplinar. Aponta as condições favoráveis à criação de uma pedagogia ético-estética baseada no surgimento de experiências estéticas, articulando diferentes

áreas e saberes. O estudo proposto pelos autores amplia as contribuições da Revista para países de língua Inglesa pois disponibiliza o texto na língua inglesa.

Jamille Brandão Neves Nemerski, Professora da Rede Pública de Chapecó-SC, em seu relato de experiência *Do Mangá ao Cosplay: processos criativos e performáticos no ensino das artes*, relata uma experiência da disciplina de Estágio, da Licenciatura em Artes Visuais, na Universidade Comunitária da Região de Chapecó-UNOCHAPECÓ, que envolve o ensino de Artes usando a combinação da deslumbrante arte visual do *Mangá* e a natureza divertida da *performance* do *Cosplay* na busca do engajamento dos alunos nas aulas de Educação Artística. Destaca que a natureza visual da temática compromete a inclusão de alunos com deficiência visual, deixando-os, de certa forma, excluídos. Surge, então a ideia da reversão do processo, usando o ensino de artes e esta experiência como incentivo para inclusão de diversas temáticas no campo educacional, em especial, das Artes Visuais.

Na seção Entrevista o professor doutor Roberto Luiz Torres Conduru, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, líder do grupo de pesquisa NUCLEAR – Núcleo de Livres Estudos de Arte e Cultura Contemporânea – Líder, fala sobre o projeto inclusivo iniciado com a Lei 10639/2003, referindo-se a experiência estética de todos os brasileiros e em especial dos afrodescendentes, onde expõe suas produções e destaca a publicação do livro *Pérolas Negras, Primeiros Fios*, de 2013 que reúne temas de pesquisas e estudos realizados ao longo de sua carreira docente.

Pensamos a revista sob a ótica dos fazeres cotidianos da escola, e quando se lê a educação com esse olhar, parece que o dia-a-dia é mais real e desafiador, envolve processos reflexivos e oportunidade de diálogo e aprofundamento aos leitores.

Educadores sintam-se parte do processo de escrita, de partilhas de saberes, de trocas e colaboradores para pensar e fazer com arte a educação inclusiva.

Obrigado autores e colaboradores pela contribuição!

Abril de 2016

**CONSELHO EDITORIAL**